



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANA CARLA PEREIRA DE SENA

DISLEXIA EM ADULTO: UM ESTUDO DE CASO

**GUARABIRA
2019**

ANA CARLA PEREIRA DE SENA

DISLEXIA EM ADULTO: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Especialista Rônia Galdino da Costa

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S258d Sena, Ana Carla de.
Dislexia em adulto [manuscrito]: um estudo de caso / Ana
Carla de Sena. - 2019.
35 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.

"Orientação: Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Dislexia em Adultos. 2. Diagnósticos. 3. Ensino. I.
Título

21. ed. CDD 371.335

ANA CARLA DE SENA

DISLEXIA EM ADULTO: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Aprovada em 28 / 11 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa

Profa. Especialista Rônia Galdino da Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Luciana Silva do Nascimento

Profa. M.s. Luciana Silva do Nascimento (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profa. M.s. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a minha família que esteve sempre ao meu lado, e com muita dedicação sempre me apoio em minhas decisões. Mostraram-me o caminho certo e a fazer as melhores escolhas para melhorara minha profissão. Aos meus queridos filhos e esposo que foram minhas inspirações e a todos os meus colegas e professores de curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, a todos nesse momento pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu digno esposo pelo incentivo e apoio incondicional.

A minha orientadora Rônia Galdino da Costa, especialista e psicóloga, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus amigos, Emerson Mark, Daniela Helena e Rafaela que não negaram força e ficaram na torcida, meu muito obrigada.

Ao meu querido e amigo Adriano Marques que por um tempo me deu uma contribuição valiosa para minha jornada acadêmica.

*” Ensinar não é transmitir conhecimento,
mas criar as possibilidades para sua
própria produção ou a sua construção. “*

Paulo Freires

RESUMO

Dislexia em Adulto é um distúrbio que se apresenta-se com dificuldade na leitura e escrita. Os sintomas podem ser detectados quando criança. As dificuldades de aprendizagem iniciam-se seus efeitos durante os anos escolares, mas podem não se manifestar completamente até que as exigências pelas habilidades acadêmicas afetadas excedam as capacidades limitadas do aluno. As dificuldades no aprendizado não podem ser vistas como deficiências intelectuais, acuidade visual ou auditiva não corrigida, outros transtornos mentais ou neurológicos, falta de proficiência na língua de instrução acadêmica ou instrução educacional inadequada (Manual de diagnóstico de transtorno mentais (DSM – 5). (2014). O diagnóstico é a primeira porta para o tratamento. Com isso objetivamos compreender os efeitos que a dislexia causa na vida adulta. Foram tomados como objetivos específicos: Definir dislexia; falar sobre os tipos; como fazer o diagnóstico; discorrer sobre a importância de identificar o aluno com dislexia; discutir um estudo de caso específico; sugerir uma proposta de intervenção para uma dislexa adulta, inclusive forma de adaptação de atividades curricular. Para tanto utilizamos as contribuições de Jardeini (2010), Almeida (2009), o Manual diagnóstico e estatístico de transtorno mentais (DSM-5) e algumas propostas de leis de ensino inclusivo, tais como: LDB nº. 9.394/96, além de outras fontes teóricas de consulta. Desse modo, a pesquisa de campo qualitativa foi realizada com uma dislexa adulta que reside no município de Guarabira PB. O instrumento utilizado foi o questionário e entrevista. A metodologia foi a pesquisa de campo, mas especificamente um estudo de caso que, de acordo com Ventura (2007), tem origem na pesquisa médica e na pesquisa psicológica, com a análise de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada. Utilizamos, também, da pesquisa bibliográfica que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites (FONSECA, 2002, apud GERHARDT, 2019). Como resultado, a pesquisa mostrou que existem casos específicos de pessoas com dislexia na escola, mas que a falta do conhecimento por parte do professor, de métodos de ensino fazem com que o problema não sejam detectados nem tratado, ocasionando assim muitas dificuldades na fase adulta. Nesse sentido o tema é relevante por se tratar o assunto que poucos conhecem. Além disso, os resultados buscam contribuir para professores e alunos que queiram aprender sobre o assunto e buscar melhores métodos de ensino.

Palavras Chave: Dislexia em adultos. Diagnósticos. Ensino.

ABSTRACT

Adult Dyslexia is a disorder that presents with difficulty in reading and writing. Symptoms can be detected as a child. Learning disabilities begin their effects during the school years, but may not fully manifest until the demands for the affected academic skills exceed the student's limited abilities. Learning disabilities cannot be seen as intellectual disabilities, uncorrected visual or hearing acuity, other mental or neurological disorders, lack of academic language proficiency or inadequate educational instruction (Mental Disorder Diagnostic Manual (DSM - 5)). (2014). Diagnosis is the first door to treatment. Thus, we aimed to understand the effects that dyslexia has on adulthood. They were taken as specific objectives: Define dyslexia, talk about the types, how to make the diagnosis, talk about the importance of identifying the student with dyslexia, discussing a specific case study, suggesting an intervention proposal for an adult dyslexia, including the adaptation of curricular activities, using the contributions of Jardeini (2010), Almeida (2009), Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder (DSM-5) and Some Proposed Inclusive Education Laws such as: LDB No. 9,394 / 96, as well as other theoretical sources of consultation. Thus, the qualitative field research was conducted with an adult dyslexia residing in the municipality of Guarabira PB. The instrument used was a questionnaire and interview. The methodology was field research, but specifically a case study that, according to Ventura (2007), originates from medical research and psychological research, with the analysis of an individual case that explains the dynamics and pathology of a disease given. We also use the bibliographic research that is made from the survey of theoretical references already analyzed, and published by written and electronic means, such as books, scientific articles, web site pages (FONSECA, 2002, apud GERHARDT, 2019). As a result, research has shown that there are specific cases of people with dyslexia in school, but that the teacher's lack of knowledge of teaching methods means that the problem is not detected or dealt with, thus causing many difficulties in adulthood. In this sense the theme is relevant because it is the subject that few know. In addition, the results seek to contribute to teachers and students who want to learn about the subject and seek better teaching methods.

Keywords: Dyslexia in adults. Diagnostics Teaching.

LISTA DE QUADROS

1.Quadro - Gênero, idade, formação da entrevistada por meio do questionário	20
2.Quadro - Com qual idade que você ingressou na escola?	20
3.Quadro - Quantos anos você tinha quando foi alfabetizada?	20
4.Quadro - Em sua opinião como era o processo de ensino aprendizagem?	21
5.Quadro – Você sentia muita dificuldade na aprendizagem?	22
6.Quadro – Como você se sentia na escola?	22
7.Quadro - Como você se percebia em relação as outras crianças?.....	23
8.Quadro - Como era sua relação com a leitura (de textos, livros, número etc.).....	24
9.Quadro - Você conseguia memorizar os conteúdos?.....	24
10.Quadro - Você já foi retida?	25
11.Quadro - Se sim. Quantas vezes?	25
12.Quadro - Houve algum acontecimento na escola que provocou danos no seu aprendizado?.....	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
Conceito de Dislexia.....	14
Características do aluno com Dislexia.....	15
Tipos e Diagnóstico.....	16
Como Identificar.....	17
2. ESTUDO DE CASO COM UMA DISLEXA ADULTA	18
3. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO	27
4. METODOLOGIA	31
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
6. REFERÊNCIAS	35
7. APÊNDICE A	38
8. ANEXO A	40

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o E-book da dislexia (2019), “Muitos fatores irão influenciar a dislexia na vida adulta, os principais são o grau de dislexia, os tipos de intervenção o acompanhamento, o acolhimento ambiental e a autoestima vista de forma negativa ou positiva”. Tudo isso é apresentado quando criança, no entanto não é identificado de forma correta, ocasionando agravamento da dislexia, a não identificação do tipo, a falta de intervenção apropriada e não acompanhamento dos profissionais.

Segundo a definição de dislexia escrita no Manual diagnósticos e estatístico de transtornos mentais DSM-5 (2014), “ela é um transtorno específico da aprendizagem ligada ao neurodesenvolvimento biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo associada com o comportamento”. É preciso perceber que as dificuldades nos adultos persistem no cotidiano e se manifestam na infância ou na adolescência, que devem ser indicados por evidências cumulativas de relatórios escolares, portfólios de trabalhos avaliados ou avaliações prévias.

O termo dislexia é usado como alternativo para explicar um padrão de dificuldades de aprendizagem caracterizado por problemas de conhecimento fluente de palavras, de decodificação e dificuldades de ortografia (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS 2014). Para Soares (2012) “A dislexia é um distúrbio que poucas pessoas têm conhecimentos, mas que é estudado”. Quando é identificada, logo se percebe dificuldades com a leitura de palavras, imprecisão ou lentidão em compreender o sentido do que é lido, de ortografar, escrever, falta de domínio no cálculo, dificuldades no raciocínio (SOARES, 2012). Os sintomas afetam nas habilidades acadêmicas, causando interferência no desempenho profissional ou nas atividades cotidianas.

Em muitos casos não é reconhecida causando muitos problemas. Nas escolas os professores podem confundir a dislexia com má alfabetização ou falta de atenção dos alunos. Ela também é definida como “Perturbação da Aprendizagem Específica”, na leitura (315.00 -F81.0 -dislexia), escrita (315.2 – F.81.81 –expressão escrita) e cálculo (315.1 –F81.2 –discalculia). o diagnóstico especifica as áreas afetadas (JARDINI, 2010, p. 3). É preciso que o educador

pesquise os sintomas da dislexia. Isso facilitará identificar o aluno com esse problema. Uma vez conhecida, será fácil desenvolver atividades, ensinar a escrita, leitura e compreensão dos assuntos.

Nesse sentido é fazer o diagnóstico para identificar o problema. Para isso é preciso seguir alguns critérios básicos que devem se basear no julgamento clínico. O diagnóstico é a principal fonte para o tratamento.

No diagnóstico o transtorno específico da aprendizagem deve ser registrado pelo CID, especificando, prejuízos na leitura, escrita e na matemática, com correspondentes em sub-habilidades, devem ser codificados em separado. Devem ser registrados como 315.00 (F81.0), deve conter prejuízo na leitura na velocidade ou fluência de leitura e na compreensão da leitura; como 315.1 (F81.2), transtorno específico da aprendizagem com prejuízo em matemática, com prejuízo no cálculo exato ou fluente e prejuízo no raciocínio matemático preciso (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, p. 67. 2014).

Quando o tipo de transtorno é diagnosticado de forma detalhada e registrada pelo (CID 10), a dislexia será tratada. Mas pode existir casos que a pessoa passa anos na escola e os profissionais não conseguem identificar que a dificuldade na aprendizagem é causada por distúrbios fonológicos, visão ou audição. Quando não identificados a pessoa chega a fase adulta sem tratamento, sendo prejudicada de várias maneiras. Segundo E- book Dislexia na vida adulta “Quando o disléxico chega na vida é adulta, ele pode ter superado alguns problemas, mas outros podem permanecer”. “Nesse momento, o importante é identificar o que está incomodando mais, como melhorar a qualidade de vida e buscar as estratégias mais adequadas”. (E- BOOK DISLEXIA NA VIDA ADULTA 2019).

Atualmente a principal forma de identificar, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), de 2014, é definido em quatro critérios:

1; Apresentados nas Dificuldades da aprendizagem, vida acadêmicas, leitura de palavras ou lentidão e com esforço.2; As habilidades acadêmicas afetadas estão abaixo do esperado para a idade cronológica do indivíduo, causando interferência significativa no desempenho acadêmico ou profissional ou nas atividades cotidianas, 3: As dificuldades na aprendizagem começam na idade escolar, mas podem não se manifestar plenamente (ex.: avaliações com limites de tempo, leitura ou produção de textos longos e complexos com prazo curto, sobrecarga acadêmica) 4: As dificuldades não são deficiências intelectuais, déficits visuais ou auditivos não corrigidos, outros transtornos neurológicos ou mentais, adversidade psicossocial, baixa proficiência na língua utilizada para a aprendizagem acadêmica ou instrução educacional inadequada.(JARDINI, 2010, p. 9).

O ideal é que toda a sociedade e os profissionais envolvidos em saúde e educação sejam informados e atualizados sobre o assunto e sejam capazes de identificar o transtorno. Tal atitude facilitaria a detecção e a estimulação do tratamento. Para diagnosticar o problema é preciso de uma equipe composta por médico (pediatra, neurologista ou psiquiatra), neuropsicólogo, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional (MENDONÇA e MOUSINHO, p. 33).

Cada profissional contribui para o diagnóstico e o tratamento das necessidades individuais. O médico deve descartar causas orgânicas, diagnosticar e tratar comorbidades (TDA/H, ansiedade, depressão entre outras). O psicólogo, por meio da avaliação neuropsicológica, quantifica e qualifica o nível de inteligência e demais habilidades necessárias à aprendizagem. O fonoaudiólogo avalia as habilidades auditivas, o nível de desenvolvimento da linguagem oral, da leitura e da escrita (JARDINE, p.16, 2010).

Vale salientar que a avaliação do psicólogo é importante para o tratamento em conjunto com outros profissionais como por exemplo o psicopedagogo que avalia o desempenho acadêmico, o terapeuta ocupacional avalia as habilidades motoras e sensoriais. Os dados fornecidos por todos os profissionais devem ser discutidos em conjunto, o que possibilita integrá-los e, assim, traçar estratégias adequadas ao direcionamento das intervenções necessárias (MENDONÇA e MOUSINHO, p.36, 2011). O primeiro contato com a identificação é na escola. As habilidades acadêmicas afetadas estão sempre abaixo do esperado para indivíduos da mesma idade.

Existem também alguns tipos e grau de disléxicos, podendo serem desorganizados e outros não; existem aqueles falantes e outros muito tímidos. Existem disléxicos severos, que têm muita dificuldade para compreender a leitura e escrever e outros com dislexia branda, onde esse processo é mais fácil. Além de todas as possibilidades no meio do caminho (Segundo E- book Dislexia na vida adulta).

Existem três tipos de dislexia mais identificadas dentro da escola: À auditiva, esse tipo de dislexia ocorre devido a carência de percepção dos sons e dificuldades com a fala e na escrita, trocando as sílabas, na leitura com dificuldades com os grafemas-fonemas. A Dislexia Visual: esse tipo ocasiona dificuldades em diferir os lados direito e esquerdo, na leitura se caracteriza devido

à má visualização das palavras e da ortografia e a Dislexia Mista: a dislexia mista é a união de dois ou mais tipos de dislexia, a pessoa terá dificuldades visuais e auditivas ao mesmo tempo.

Da mesma forma que existem tipos de dislexia, há vários tipos de Disléxicos. Uns tem dificuldades com as palavras, mas podem ser bons em cálculos, por exemplo. O comportamento varia também. É muito importante que seja identificada considerando que ela pode limitar o desenvolvimento nos estudos e na carreira.

Nesse sentido objetivamos compreender os efeitos que a dislexia causa na vida adulta. Para isso os objetivos específicos são: Definir dislexia; falar sobre os tipos; como fazer o diagnóstico; discorrer sobre a importância de identificar o aluno com dislexia; discutir um estudo de caso específico; sugerir uma proposta de intervenção para um dislexo adulto, inclusive apresentar a forma de adaptação das atividades de atividades curriculares.

A escolha do tema surgiu pela necessidade de conhecer sobre o assunto e compreender os motivos que levam uma pessoa a passar anos na escola e os problemas advindos da dislexia não serem identificados. Nesse sentido, sempre me perguntei: Como identificar a pessoa com dislexia na escola? Uma vez identificada, o que deve ser feito para tratar o problema? Os professores conhecem os problemas que a dislexia causa na educação? Como a pessoa com dislexia se sente na inclusão escolar? Existem dificuldades na aprendizagem? Quais são? Essas eram questões que desejamos responder. Mudar a forma de ensinar e aprender com metodologias adequadas para a pessoa com dislexia exige preparo e organização de todos envolvidos na educação. É isso que tenho observado dentro das escolares por onde trabalhei e trabalho em minha trajetória como professora, educadora.

Diante dessas questões surgiram algumas hipóteses: (a) Os professores percebem que os alunos têm dificuldades, mas não conhecem a causa nem sabe lidar. (b) Muitos professores sabem o que a dislexia pode causar, no entanto os problemas devem ser responsabilidades dos gestores. (c) Os professores pensam que a falta de aprendizado está relacionada a “burrice” ou “desinteresse dos alunos” (d) não existe uma formação continuada sobre a falta de aprendizagem.

Sendo assim esse trabalho torna-se relevante por se tratar o assunto que poucos conhecem. Além disso, os resultados buscam contribuir para professores e alunos que queiram aprender sobre o assunto e buscar melhores métodos de ensino. Os resultados apresentados podem auxiliar professores e alunos compreender o tema e servir para melhorar o ensino dos alunos com dislexia.

Para isso a pesquisa foi dividida da seguinte forma: No capítulo (1) traremos a definição de dislexia; conceituaremos e mostraremos as características, tipos de dislexia e como fazer o diagnóstico. Também deixaremos claro os objetivos desse trabalho e as hipóteses levantadas. O capítulo (2) traremos o estudo de caso em uma adulta que descobriu que tem dislexia quando estudava na universidade. No capítulo (3) mostraremos uma estratégia de intervenção para o sujeito da pesquisa. E por fim o capítulo (4) as considerações finais.

2. ESTUDO DE CASO COM UMA DISLEXA ADULTA

Nesse capítulo, abordar-se-á as informações sobre o sujeito da pesquisa bem como seus argumentos sobre o processo de escolarização.

Rosa Maria da Silva, de 32 anos de idade é formada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB, campus Guarabira. Está cursando Tecnologia em Gestão Comercial pelo IFPB, Guarabira. Com o objetivo de estudar foi matrícula em uma escola de ensino público aos 8 anos de idade. Mas já percebia que era difícil para ela a prender no mesmo ritmo dos demais alunos. A dislexia causou dificuldades em aprender, motivando sua alfabetização demora aos 10 anos de idade.

Para Rosa Maria as atividades da escola eram bastante difíceis de serem compreendidas com eficaz. No entanto não são sabia o porquê não conseguia aprender, na época não se falava em dislexia ou em outras dificuldades que podia interferir no aprendizado. Os métodos de alfabetização trabalhados com ela eram os mesmos usados com outros alunos de sala, isso não a ajudava, ocasionava confusão em relacionar teoria e prática. Os professores percebiam que Rosa não conseguia aprender, mas eles achavam que era por “burrice” o que a deixava triste.

Mesmo assim conseguiu ser alfabetizada por meio de leitura diária e atividades (textos de português, números matemáticos e outras) que escrita que incentivavam a prática. As avaliações também não eram adaptadas, eram feitas por provas oral e escrita.

As dificuldades cresciam na mesma proporção que atrapalhavam no desenvolvimento de sua educação. É possível identificar nas palavras dela quando afirma que “tenho dificuldades de aprender matemática inglês, química e física, não consigo compreender as fórmulas” aprender a pronunciar as palavras também era um desafio que impossibilitava no entendimento dessas disciplinas.

As informações foram obtidas por meio da resposta ao questionário e entrevista onde ela relata que passou sua vida toda convivendo com dislexia, mas não sabia.

Com ingresso na universidade veio a oportunidade de conhecer sobre o universo da dislexia. Isso possibilitou que Rosa se identificasse com o problema

que foi confirmado com o diagnóstico feito pelo relatório psicopedagógico do campus do IFPB.

Os resultados do estudo, A dislexia em adultos, foram obtidos baseados nas respostas do sujeito da pesquisa que ainda continua estudando no IFPB. Com as informações é possível observar que durante o processo de escolarização das primeiras séries até os dias atuais a aluna tem dificuldades de aprendizado e adaptação no espaço escolar.

Foi necessário aplicar a pesquisa para conhecer e entender como a aluna com conseguiu passa pelo processo de escolarização, alfabetização sem que os professores conseguissem perceber seus problemas de aprendizagem relacionado a dislexia. Como ela descreve essa experiência. Na entrevista foi possível perceber suas preocupações, dificuldades, necessidades, reivindicações, críticas e sugestões, revelando que é necessário que os professores busquem métodos adequados de ensino.

Vejamos a seguir os resultados do questionário aplicado e registrados nos quadros, neles podemos perceber que a aluna foi alfabetizada, concluiu todas as etapas das séries anteriores do ensino fundamental e médio com bastantes dificuldades. Os alunos que necessitam de atendimento educacional especializado estão sim na sala de aula regular, mas a forma de ensino para essas pessoas deve ser modificada. Medidas como formação dos profissionais, adaptação de atividades, conhecer a respeito da dislexia possibilita que os alunos com dislexia sejam ensinados da forma correta.

Os cursos de formação de professores, devem abordar, na grade curricular, disciplinas e conteúdo que sejam trabalhados com a realidade do aluno, ensinando como adaptar atividades para os alunos da educação especial, conhecimento aprofundado da dislexia, entre outras dificuldades. Isso possibilitará que o professor consiga explorar as habilidades importantes no desenvolvimento das atividades. É necessário que todo professor se preocupe em desenvolver sua técnica de ensino.

Porém ainda existem desafios que entendemos que precisam ser atendidos. A Inclusão escolar requer mudanças na escola no corpo docente, e

medidas pedagógicas bem-sucedidas. Dessa forma contribuirá para a matrícula e permanência dos alunos com dislexia.

Para melhor analisar as respostas obtidas pelo questionário utilizamos os quadros feitos através do Word 2016.

1. Quadro - Gênero, idade e formação da entrevistada por meio do questionário

	GÊNERO	IDADE	FORMAÇÃO	NOME DO CURSO
Aluna	Feminino	32	Superior	Gestão Comercial e Pedagogia

Fonte: Questionário da Pesquisa.

2. Quadro - Com qual a idade que você ingressou na escola?

Comecei a estudar quando tinha (8) anos

Fonte: Questionário da Pesquisa.

Aqui como podemos perceber que Rosa iniciou o processo de escolarização tardio aos 8 anos de idade. Cabe destacar que há 32 anos, a Lei de diretrizes e base da educação (LDB 1999), não determinava idade para matrícula na educação infantil, apenas atendimento gratuito em creches e pré-escolas as crianças de zero a seis anos. Nos dias atuais é obrigatório a matrícula, segundo o Art. 6º da Lei 9.394, Lei de Diretrizes e base da educação de 1996, afirma que é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.

3. Quadro - Quantos anos você tinha quando foi alfabetizada?

Com 10 anos

Fonte: Questionário da Pesquisa.

Com base na resposta do quadro três, observa-se que ela foi alfabetizada aos dez anos. Esse resultado é considerado normal para pessoa que tem a dislexia, uma vez que ela ocasiona dificuldades de aprender.

No entanto a alfabetização de crianças disléxicas deve ser desenvolvida, com melhor resultados, com o auxílio do lúdico, e saber usar o lúdico para ensinar uma criança disléxica é extremamente importante (BRASIL, 2004). Dessa forma é importante o brincar, expressar-se, relacionar-se, movimentar o corpo, faz parte do processo de alfabetização.

4. Quadro - Em sua opinião como era o processo de ensino aprendizagem?

Por meio da leitura e atividades práticas

Fonte: Questionário da Pesquisa

Embora nos dias atuais existam outros meios modernos de alfabetizar uma criança com dislexia, percebe-se que Rosa não teve apoio de atividades adaptadas e materiais pedagógico voltados para desenvolver a aprendizagem. Cabe salientar que há 32 anos pouco se falava sobre dislexia, os professores não a conheciam e os métodos de ensino tradicionais eram utilizados para todos os alunos. Nos dias atuais os professores conhecem mais sobre as dificuldades de aprendizado dos alunos. Os docentes têm muitas bases teóricas para dar suporte ao ensino, uma delas é a Lei de Diretrizes e bases da educação Art. 27, inciso VI – diz que deve haver pesquisa voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva para pessoas com dislexia.

Dessa forma, a equipe pedagógica terá suporte para as práticas educativas que devem ser fundamentais para desenvolver a imaginação da criança e estimular o raciocínio lógico com muita eficácia, pois as crianças estão em processo de alfabetização, apenas os livros não são apropriados neste momento, porque os alunos não vão entender o que leem. O ensino deve respeitar da sensibilidade, criatividade, ludicidade e liberdade de expressão nas diferentes

manifestações artísticas e culturais (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, p. 16).

5. Quadro – Você sentia muita dificuldade na aprendizagem?

Sinto dificuldades em matemática, inglês, química e física. Porque não consigo compreender as fórmulas. E nem aprender a pronunciar palavras em inglês.

Fonte: Questionário da Pesquisa.

Como podemos observar no quadro 5, a aluna fala que sente dificuldades em algumas matérias escolares. Essas dificuldades acontecem pela consequência de não conseguir aprender. Nesse caso ela deveria ser avaliada segundo os critérios dos diagnósticos de transtorno para identificar o tratamento apropriado. Com a ajuda do tratamento os professores iriam buscar a melhor forma de ensinar. A equipe que diagnostica a dislexia deve considerar a apresentação dos sintomas, se satisfaz os critérios do transtorno especificado da aprendizagem. Com base nos resultados deve-se buscar por métodos diferenciados e metodologia adequada para auxiliar o ensino e aprendizagem nessas matérias. É nesse sentido que as estratégias de intervenção devem ser adotadas pelos professores. Organização do tempo e forma de ensinar; Adaptações para cada tarefa; ajuda na leitura e na ortografia; são atitudes para melhorar o ensino” (MANUAL DE ESTRATÉGIA PARA ALUNOS COM DISLEXIA, 2019).

6. Quadro – Como você se sentia na escola?

Me sentia rejeitada por não saber fazer as atividades e ninguém querer fazer as atividades comigo em grupo. Até hoje ainda me sinto assim, excluída da turma.

Fonte: Questionário da Pesquisa.

No quadro 6, mais uma vez mostra a preocupação que Rosa tem em não conseguir aprender as atividades. Isso passou a lhe prejudicar quando ia fazer de atividade de grupo, ela não se sente enturmada, mas excluída pelos colegas de sala. É possível perceber que isso ainda ocorre mesmo que ela já esteja adulta e cursando o nível superior, seu sentimento de exclusão ainda continua. Com base nisso o (Estatuto da pessoa com deficiência, 2015. p. 12.), aborda no Art. 4º que as pessoas com deficiência têm direito à igualdade de oportunidades e não sofrerá nenhum tipo de discriminação. § 1o “Considera-se discriminação toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que prejudique, impedi o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades.”

Deve buscar formas de incluir com equidade as pessoas com necessidades especiais. Assim elas não irão se sentir prejudicadas.

7. Quadro - Como você se percebia em relação as outras crianças?

excluída

Fonte: Questionário da Pesquisa.

A resposta foi bem objetiva, quando perguntamos como ela se sente quando comparada a outras crianças. Essa resposta contradiz as políticas de educação para pessoa com necessidade educacional especial uma vez que nela está escrita que todos os alunos têm direitos iguais e a escola deve buscar meios para inclusão e permanência significativa na escola.

Algumas medidas podem priorizar a inclusão de aluno com necessidade, deve-se criar mecanismos que permitam que eles se sintam bem na escola, com os colegas e professores. Adaptações curriculares, estratégia de planejamento e de atuação docente, decidir o que é que o aluno deve aprender e qual é a melhor forma de organizar o ensino é importante (MEC, 1992 apud MANJÓN, 1995, p. 82 apud Leonel 2016).

8. Quadro - Como era sua relação com a leitura (de textos, livros, números etc.).

Leitura era difícil de compreender o que estava lendo, em relação os escritos sempre faltavam silabas ou tinha a mais.

Fonte: Questionário da Pesquisa.

Como podemos perceber na resposta do quadro 8, a falta de compreender o que ler e a relação entre as palavras e silabas não era fácil. Isso se apresenta devido as dificuldades que a dislexia causa quando relacionada ao entendimento na compreensão da escrita e da leitura. De acordo com Portela (2019), na leitura apresenta troca de sons e esquecimentos das palavras, isso são sintomas da dislexia, que leva a não entender texto, com interferência na memorização devido as dificuldades na descodificação. Mesmo assim algumas crianças podem ter inteligência acima da média em certas áreas específica, mas podem ter dificuldade na capacidade de compreensão de raciocínios. “A linguagem, vocabulário e expressões fora do normal para a idade dão a falsa imagem do que compreendem o que estão a dizer, quando na realidade apenas estão a repetir o que ouviram ou leram” (MANUAL DE ESTRATÉGIA PARA CRIANÇAS COM DISLEXIA, p. 21). As crianças podem não compreender o que falam ou talvez compreendam, mas acabam esquecendo em pouco tempo, gerando capacidade fraca para resolução de problemas.

9. Quadro - Você conseguia memorizar os conteúdos?

Quando consigo memorizar conteúdos e quando aprendo algo, depois esqueço utilizo bloco para fazer anotação de tudo.

Fonte: Questionário da Pesquisa.

Aprender com o método de memorização não era muito eficaz no ensino dos conteúdos. Observe-se na resposta da entrevistada no quadro 9, que ela usava outros recursos como anotação para lembrar dos conteúdos que aprendia na escola. A partir dos dados fica evidente que outros métodos de memorização podem causar efeitos positivos com a habilidades dos conteúdos. Mas cabe

ressaltar que é dever da escola (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA ART. 28. V), assegurar o desenvolvimento, implementar, incentivar, adotar medidas individualizadas e coletivas que incentive o desenvolvimento acadêmico dos estudantes com deficiência. Essas práticas favorecem o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem.

10. Quadro - Você já foi retida?

Sim (x)
<u>Não ()</u>

Fonte: Questionário da Pesquisa.

Quando é questionado se a aluna já havia sido retida, ela confirma que sim. A atitude de reter um aluno, pode ser por falta de conhecimento sobre os motivos das dificuldades de aprender que se apresentava na escola. É preciso que se conheça as causas dos problemas e alternativas para saná-los. Os cursos de formação e capacitação docente precisam dar condições para que o professor tenha um aprofundamento teórico-metodológico que lhe permita conhecer sobre as causas das dificuldades de aprendizado, formar o professor que reflita sobre sua prática pedagógica para atender à diversidade do aluno (LEONEL E RICARDO, 2016. p. 12). A formação continuada dos professores é uma forma que permite buscar por novas teorias e novas práticas diferenciadas para potencializar a aprendizagem.

11. Quadro - Se sim. Quantas vezes?

Alguns professores que não entendem minhas dificuldades. Me chamem de preguiçosa ou desinteressada e não me ajuda a adquirir conhecimento.

Fonte: Questionário da Pesquisa.

No quadro 11 mostra que se fazia um julgamento inadequado para justificar a falta de compreensão ou a não realização de atividades pela aluna. Isso é claro quando ela diz que os professores não a entendiam e que a chamava de

preguiçosa. Outra vez é percebido a falta de conhecimento sobre causas de interferência no aprendizado. formação continuada é necessária, mas não basta apenas levar o conhecimento aos professores, mas também devem trazer informações de como deve ensinar aos alunos com dislexia. “A criança deve de proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição” (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 2010. p. 11). Esse tipo de atitude do professor contradiz e fere a dignidade da criança como pessoa humana.

12. Quadro - Houve algum acontecimento na escola que provocou danos no seu aprendizado?

<u>Sim (x) qual foi?</u>
A falta de compreensão dos professores e a exclusão

Fonte: Questionário da Pesquisa.

Como podemos observar no quadro 12, a aluna mostra, através de suas palavras, os danos que a falta de conhecer o motivo que estava causando interferência no aprendizado escolar. Os problemas que a dislexia pode apresentar no aluno interfere no ensino. Sem conhecer sobre a dislexia os professores e alunos de turma escolar não identificam a pessoa com dislexia, desse modo não buscam outros métodos de ensino. O professor tem que ser pesquisador e refletir sobre sua prática, observar se metodologia está atingindo o que deveria alcançar. De acordo com as A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, Art. 58. parágrafo 1º, afirma que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação currículo, métodos, recursos para atender às suas necessidades. As Diretrizes são importantes para ampliar a garantia da educação especial e realizar o atendimento educacional especializado para identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos para contribuir com a inclusão, considerando suas necessidades específicas. Os professore devem promover atividades e espaços de participação, juntamente com a família e os profissionais da saúde.

3. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Dificuldades de reconhecer as letras, de ler e de compreender a escrita são características das pessoas com dislexia. Na alfabetização já é possível identificar uma vez que os alunos não desenvolvem no mesmo ritmo dos demais da turma.

As adaptações curriculares promovem o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, deve haver mudanças na elaboração do projeto pedagógico e a implementação de práticas inclusivas no sistema escolar (DIAS, 2019).

De acordo com a lei Nº 13.146, de 2015, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência as no Art. 27, “ adaptação das atividades na educação é direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.”

Considerando a importância das adaptações nas atividades em sala de aula podem ser suficientes para resolver o problema e melhora o ensino. Os livros didáticos também devem ser adaptados. Para Zabon (2014), o livro é a principal matéria de aquisição da escrita, no entanto as cartilhas de alfabetização para crianças com dislexia não são disponibilizadas pelo governo. Ela considera uma falha que marginaliza com menos oportunidades de se desenvolverem e faz com que o assunto seja menos difundido entre educadores.

Nesse sentido os principais prejudicados são os alunos uma vez que eles têm que aprender a mesma forma dos demais sem dislexia. A adaptação dos livros e modificação pode contribuir bastante na compreensão da leitura das palavras, letras e frases, no entanto esse recurso de fundamental importância ainda e pouco encontrado nas escolas.

Como maneira para desenvolver o ensino das adversidades, sem exclusões em sala, o currículo escolar adaptado deve ser flexível, inclusive, incumbe ao poder público a responsabilidade de assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar pesquisas voltadas para o desenvolvimento de métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. Art. 28. Paragrafo VI).

O modo de aprendizagem é diferente para cada indivíduo, a forma de intervenção deve variar de acordo com a faixa etária em que se encontra o aluno. Quando criança é essencial trabalhar a parte fonológica e a descodificação das ideias. Com adultos é relevante trabalhar aspetos como a compreensão e as competências de estudos.

Com problemas de memorização os materiais tem que ser diferenciados com fácil compreensão, deve haver leitura recreativa para melhorar a autonomia da leitura, isso ajudará diminuir os erros e compreender o que lê segundo a o livro 'Estratégias para ajudar as crianças com Necessidades Educativas Especiais (2019), Os alunos devem ser observados quando estão lendo, assim facilitará compreensão de textos e enunciados. É essencial acompanhamento da leitura para garantir a descodificação e o sentido.

É bom que o aluno escolha seu livro, tipo de texto de seu interesse, mais informativo ou criativo. As imagens são importantes expressões para compreender o que está escrito. É natural as repetições para memorizar. Ao fazê-lo vai aumentar a confiança e permitir compreender melhor o que lê. (ESTRATÉGIAS PARA AJUDAR AS CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS, NEVES, 2019. p.9). Com os problemas de memorização deve ser feita a decomposição das instruções e informações, verificação da sua integração e a sua excussão a aluna deve se sentir segura na hora da leitura.

Com a ajuda de treino de exercícios ou jogos adaptados com palavras e algarismos reduzidos, é possível que haja melhorias na forma auditiva e visual. O treino e repetição é fundamental no tratamento das instruções e informações. No entanto só isso não basta, é preciso que os educadores estejam preparados para a mudança. O do estatuto da pessoa com deficiência, Art. 27 inciso VI, diz que é preciso fazer pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva. Nesse sentido existem muitas estratégias que os professores podem usar na sala de aula. Abaixo estão escritos alguns deles:

- Alfabetização pelo método fônico: É um dos melhores métodos para alfabetização dos disléxicos. É através da fala que podemos nos comunicar com outras pessoas e através do método fônico isso é possível com mais facilidade. “A língua é constituída de fonemas que formam a menor unidade sonora que pode provocar uma mudança de sentido em uma palavra. Os fonemas consoantes e vogais. As palavras são então, umas combinações de fonemas” (MARIA, p. 14).

Para os alunos com dificuldades na aprendizagem o método fônico é eficaz. Ele atende às características específicas na área de aquisição da linguagem oral e escrita. Segundo o que traz no E-book da Dislexia, (2019.) a alfabetização deve iniciar-se com os fonemas de representação única: P -B -M -T -D -N -L -F -V Em seguida os com mais de uma representação: C -K -QU || G -GU || R -RRE por fim, os com múltipla representação: S -SS -C -Ç -SC -X -Z || CH -X || J -G. Sendo assim é possível articular estratégia de leitura e fala, sempre iniciando com uma letra de cada vez, da vogal até chegar as consoantes. Percebe-se que para as crianças com dislexia as palavras devem ser pronunciadas lentamente percebendo a articulação da boca.

O Método Fônico atua sobre duas áreas, fisiológica e psicológica. Na abordagem o aluno parte do som das letras, une o som da consoante ao som da vogal, pronunciando a sílaba formada (MARIA, p.21). Dessa forma o método fônico ensina à criança que cada palavra tem um som diferenciado e ao relacionar com as letras percebem os fonemas. Assim será possível identificar vogais letras e palavras para conseguir compreender.

Mas esse método deve ser acompanhado por materiais didáticos diferenciados, além de livros adaptados outros materiais são necessários tal como; alfabetos móveis, letras maiores, textos, fichas e listas de palavras.

- Outro recurso que pode auxiliar no aprendizado das pessoas com dislexia é o método multissensorial: Ele permite maior exploração sensorial e o desenvolvimento de diferentes capacidades do aluno, buscando associar percepções táteis aos estímulos visuais e auditivos entre grafemas e fonemas, facilitando, assim, a alfabetização (TRIGO 2019, APUD CAPOVILLA,2002; BIRSH,2011). Assim uma abordagem de alfabetização multissensorial busca unir

todas as modalidades sensível do aluno, a auditiva, visual, cinestésica e o tátil ao processo de desenvolvimento da leitura e escrita.

- Existe ainda o método fonovisuoarticulatório ou método da boquinha: Ele consiste em estratégias fônicas (fonema/som), visuais (grafema/ letra) e articulatórias. Foi desenvolvido através da fonoaudiologia em parceria com a pedagogia (ZAMBON, 2014 p.42, apud KWIECINSKI, 2011). Esse método é muito usado nas escolas e em salas de aula regulares, além de consultórios, escolas especializadas, e utiliza-se além das estratégias. Seu desenvolvimento foi alicerçado na Fonoaudiologia, em parceria com a Pedagogia, que o sustenta, sendo indicado para alfabetizar quaisquer crianças e mediar/reabilitar as dificuldades da leitura e escrita (JARDINI, 2014. p.6).

Como podemos perceber existem alguns métodos fundamentais que vai melhorar o processo de ensino e alfabetização das crianças. No entanto existem muitas pessoas com dislexia que não conseguiram desenvolver a compreensão da leitura e escrita bem como a realização de atividades consideradas fácil na escola.

4. METODOLOGIA

Foi utilizada a pesquisa qualitativa. O instrumento utilizado foi o questionário e entrevista. A metodologia foi a pesquisa de campo, mas especificamente um estudo de caso que, de acordo com Ventura (2007), tem origem na pesquisa médica e na pesquisa psicológica, com a análise de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perceber que o aluno está com dificuldades no aprendizado é responsabilidade dos professores, da família e todos que direta ou indiretamente tenham proximidade com ele. Todos que fazem parte da educação devem estar comprometidos com o ensino pleno e o aprendizado da leitura e da escrita. docentes podem identificar habilidades de linguagem, de escrita e de raciocínio. Além disso, devem levar as informações para os pais ou responsáveis e para o órgão gestor da escola.

O problema da dislexia existe há tempos, no entanto passou a ser visto pelos professores na escola atualmente. Talvez isso seja o motivo que ocasionou que o sujeito da pesquisa viesse a descobrir que tinha dislexia aos 32 anos de idade, quando cursava o nível superior. Com base nas informações podemos perceber que Rosa, passou anos de sua vida, sem saber que era dislexia e isso ocasionou dificuldades em aprender, compreensão, e principalmente exclusão dentro da sala de aula.

Por falta de conhecimento sobre o distúrbio, os professores tratavam Rosa com indiferença dos demais alunos. Com isso seu processo de alfabetização, bem como o tempo que passou na escola se tornou difícil. Os professores poderiam identificar os sintomas da dislexia através da observação cotidiana e a realização de relatório que seria encaminhado para o diagnóstico que pode ser feito por psicopedagogo da escola e ser encaminhado para outros profissionais da saúde.

Nesse sentido podemos concluir que não basta que os alunos com dislexia estejam frequentando a escola. A dislexia é um problema que acomete alunos e pode ser percebida pelos professores, considerando que são os primeiros profissionais a ter contatos próximo com as dificuldades de aprendizagem do aluno, isso nos faz questionar se os professores estão de fato preparados para identificar que o aluno tem a dislexia e realizar encaminhamentos adequados para ser tratados.

A aluna, conseguiu concluir as primeiras series da educação básica, mas isso não foi devido as novas práticas de ensino nem tampouco a metodologia correta, mas sim a muito esforço pessoal. Em relação à importância da formação docente e o processo de ensino de leitura e escrita, existe a necessidade da melhoria na formação de professores com o objetivo de compreender o processo de ensino e aprendizagem, o professor deve ser apto a identificar a dislexia quando se deparar com uma dificuldade de aprendizagem.

O professor é responsável por planejar estratégias de melhoria ensino-aprendizagem, especialmente por isso deve propor alternativas para os alunos que encontram obstáculos em aprender. As universidades devem ser mais próximas da escola, para juntos perceber o que a escola necessita para formar os professores de acordo com as necessidades dos alunos. Assim haverá mais troca de experiências e de reflexões. É fundamental que a troca de conhecimento entre a universidade e a educação básica se tornem próxima e que favoreça na formação dos futuros docentes.

As pessoas com deficiência ou com transtorno específico de aprendizagem precisam de incentivo para continuar a estudar. Conhecer sobre suas limitações é o primeiro passo ao acesso à informação. Através disso será possível proporcionar uma educação que priorize as diferenças e busque métodos de ensino eficaz. Nesse sentido este trabalho apresentou algumas informações sobre dislexia, tipos e como pode ser identificada pelos professores.

Este estudo mostrou que está na escola não é suficiente para aprender e se sentir incluído. É preciso conhecer, estudar sobre os problemas de aprendizagem dos alunos, buscar formas diversas de ensino, encaminhá-los para tratamento profissionais especializados. Essas atitudes podem fazer toda diferença na vida do aluno desleixo.

Podemos concluir que nós educadores devemos sempre buscar o novo para aprimorarmos nossas práticas de acordo com as problemáticas que surgem em sala de aula. Conforme o nível da dislexia existe o método adequado para ensinar e aprender. O importante é analisar a dislexia e aplicar o melhor método.

Diante disso a metodologia utilizada neste trabalho possibilitou realizar o procedimento, foi possível fazer um plano de intervenção pedagogia que

alcançasse os objetivos de ensino apropriado, que é o plano individualizado que foi feito como estratégia de adaptação de aula para Rosa. Nele é possível trabalhar, Abordagem visual: com filmes legendados, etiquetas de cores, gráficos, história em quadrinhos et. Abordagem auditiva: áudios, ebooks, ler em voz alta e gravar. Abordagem cinestésica: Confeccionar com ela os personagens do texto com EVA. E por fim abordagem argumentativa que é explorar com ela a função de textos, fábula et.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. S. dos. Giselia S. de. **Dislexia: o grande desafio em sala de aula.** Disponível em: < <http://revistadondomenico-2ªed.2009>.> Acesso em: 28 de outubro 2019.

ALMEIDA, R. S. M. **Dislexia. Portal dos Psicólogos.** Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0217.pdf> Acesso em: 28 de outubro 2019.

Associação Brasileira de Dislexia; disponível em <http://www.dislexia.org.br/> Acesso em 12/09/2019.

ARRUDA, A. A. M. de. **Cartilha da Inclusão Escolar: Inclusão Baseada em Evidências Científicas.** Coordenadores do Projeto Ribeirão Preto e São Pedro, 28 de junho de 2014.

BORBA, Ana L. Autores do Texto: **Psicóloga, Psicopedagoga** <http://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/> Acesso em 19/09/2019.

BRASIL. PORTAL DA EDUCAÇÃO. **O que é inclusão escolar?** Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/o-que-e.../71911> Acesso em 30 de outubro de 2019.

DIAS, E. Sá. de Adaptações Curriculares: Diretrizes Nacionais para a Educação Especial. Disponível em <http://www.bancodeescola.com/verbete5.htm> Acesso em 25 de nov. de 2019.

Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. DISPÕE SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E DÁ OUTRAS providencias. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm Acesso em 22 de nov. De 2019.

ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA – Brasília: Senado Federal, 2015. p. 65 disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil> pesquisa em 02 de nov. de 2019.

FONSECA, Vitor da. **Dificuldades de Aprendizagem: Abordagem neuropsicopedagógica.** Rio de Janeiro: Wak editora, 2016.

JARDINI, Dra R. **Um Panorama Especial sobre a Dislexia:** DISLEXIAS (Extraído e adaptado do livro “Alfabetização e Reabilitação pelo Método das Boquinhas –Fundamentação teórica –JARDINI, RSR, 2010.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. INSTITUI A LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil> Acesso em 22 de nov. de 2019.

LAKATOS Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. ed. 4. reimpor. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p. ISBN 9788522466252. **(Livro disponível nas Bibliotecas do SIB)**

MINAYO, Maria C. de S. Disponível em http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Acesso em setembro de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192 Acesso em 21 de nov. de 2019.

MENDONÇA, A. MOUSINHO, R. e APARECIDA, S. **Dislexia: novos temas, novas perspectivas** - Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MARIA, Carla de Schirpper, **Programa de desenvolvimento educacional**-secretaria de estado da educação do paraná- unicentro. 2019.

NASCIMENTO, M. C. I. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico]: DSM-5, Artmed, 2014.

II. NEVES, A. Paula. P. **Orientações / Estratégias para ajudar as crianças com Necessidades Educativas Especiais**. 2019. Disponível em <file:///C:/Users/luana/AppData/Local/Temp/DISLEXIAestrategias%20para%20trabalhar%20com> dislexia. Acesso em 28 de nov. de 2019.

SOARES, Iris G. **A dislexia e o Contexto Escolar**: Anhanguera Educacional. Vol. X, Nº. N, Ano 2012.

SIMÕES, M. F.S. SOUZA, Maria, C. **Dislexia e outros transtornos específicos de aprendizagem**: Conversando com os Pais sobre como lidar com a dislexia. Instituto abcd. Específicos de Aprendizagem. 2015.

SILVA, T. da. R. Marta. T. Vaz. **O Processo de Alfabetização da Criança com Dislexia e as Práticas Pedagógicas** disponível em <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/o-processo-de-alfabetizacao-da-crianca-com-dislexia-e-as-praticas-pedagogicas> pesquisa realizada em 17 de nov. de 2019.

OLIVEIRA, O. TEIXEIRA, M. **Avaliação Neuropsicológica na Dislexia de Desenvolvimento**: Tese de Doutorado em Psicologia, especialidade em

Neuropsicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra Setembro 2014.

GIBIM, A. P. Pró-reitora de Pesquisa e pós-graduação mestrado em Educação: **a Dislexia como Dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor – um estudo de caso**. Presidente Prudente – SP2007.

GIBIM, N. A. P.: **A dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor – um estudo de caso**, Presidente Prudente – SP 2007. <file:///C:/Users/luana/Downloads/cp152128>. Acesso em 12/09/2019.

ZAMBON, C. **Prisma Material de apoio à alfabetização de crianças disléxicas** Universidade de São Paulo Faculdade de Arquitetura e Urbanismo São Paulo2014.

LEONEL, R. R. dos. RICARDO, P. R. **A inclusão do aluno com deficiência intelectual no Ensino Regular disponível em** <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2216-8.pdf> acesso em 30 de nov. de 2019.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm Acesso em 16/09/2019.

Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa SOCERJ. 2007. < <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents>> acesso em 02 de nov. de 2019.

GERHAARDT, T. E. S. D. T. **Métodos de pesquisa**. SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **DISPÕE SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E DÁ OUTRAS providencias.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm Acesso em 22 de nov. De 2019.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **INSTITUI A LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil> Acesso em 22 de nov. de 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

1- Com qual a idade que você ingressou na escola?

2- Quantos anos você tinha quando foi alfabetizada?

3- Em sua opinião como era o processo de ensino aprendizagem?

4- Como os professores faziam sua avaliação?

5- Você sentia muita dificuldade na aprendizagem?

Sim () não ()

6- Quais os temas ou conteúdos que você apresentava mais dificuldade.

7- Como você se percebia em relação as outras crianças?

8- Como era sua relação com a leitura (de textos, livros, números etc.).

9- Você conseguia memorizar os conteúdos?

Sim () não ()

10-Você já foi retida?

Sim () não ()

11-Se sim. Quantas vezes?

2 () 3 () 4 () mais ()

12-Houve algum acontecimento na escola que provocou danos no seu aprendizado?

Sim () não ()

13-se sim. Qual foi?

ANEXO A – TÍTULO DO ANEXO